

Após farra de crédito, Hollywood se debate com excesso de filmes

Lauren A.E. Schuker e Peter Sanders

Quando Meg Ryan e Antonio Banderas assinaram contrato para estrelar a comédia independente "Mais do que Você Imagina", os financiadores do filme achavam que tinham em mãos um sucesso certo: uma produção de orçamento modesto com nomes de peso e bom potencial de bilheteria.

Segundo os produtores, o filme, que custou US\$ 17 milhões, foi bem recebido em sessões-teste nos Estados Unidos no começo do ano e teve acolhida decente na Espanha, Israel e Rússia. Mas a distribuidora Sony Pictures, controlada pela Sony Corp., mandou discretamente o filme direto para DVD em 17 de junho. "Acredito que, três anos atrás, esse filme com certeza estaria nas telas de cinema, no mínimo por causa do elenco", diz George Gallo, que escreveu e dirigiu a obra.

Nos dias atuais, dezenas de filmes como "Mais do que Você Imagina" encontram cada vez menos espaço na telona. O motivo: Hollywood está com o caixa cheio depois de ter recebido entre US\$ 13 bilhões a US\$ 18 bilhões em financiamento nos últimos anos, o que expandiu enormemente o número de filmes em produção, segundo banqueiros e produtores. A enxurrada de recursos está financiando tanto filmes de veteranos investidores e produtores quanto de cineastas novatos.

Essa dinâmica transformou a distribuição de filmes num salve-se quem puder, com produções demais disputando espaço de menos nas salas de cinema a cada fim de semana. Segundo a Motion Picture Association of America, a associação de produtores de cinema dos EUA, mais de 600 longas-metragens foram exibidos em cinemas em 2007 no país, contra 466 em 2002. A maioria era de produção independente, fora do esquema de grande estúdio. Isso representa uma média de 2,6 filmes a mais a cada fim de semana na disputa pela atenção do público.

Esses números se referem apenas às películas que chegam às salas de cinema. Inúmeras outras, com nomes conhecidos na direção ou no elenco, como "Mais do que Você Imagina", nunca chegarão à telona. Mais de 3.600 longas foram submetidos para consideração no Sundance Film Festival deste ano, e, embora muitos deles sejam filmes quase artesanais, sem chance de entrar no circuito comercial, o total está bem acima do número de submissões no mesmo festival cinco anos atrás, de 2.000.

Essa abundância oferece mais escolhas para os cinéfilos e mais dor de cabeça para uma indústria já em dificuldade. Segundo a Media by Numbers, firma que monitora a venda de ingressos nos EUA, a bilheteria doméstica foi de US\$ 9,7 bilhões em 2007, ante US\$ 9,3 bilhões de 2006. A arrecadação cresceu desde 2005 graças ao aumento do preço dos ingressos, enquanto o comparecimento às salas começou a cair no ano passado. Este ano, o número de ingressos vendidos está em queda de 4,7% em relação a um ano atrás. De acordo com projeções da Media by Numbers, a queda na compra de ingressos pode reduzir a receita da bilheteria em 2008 para US\$ 9,6 bilhões.

O encolhimento do crédito está pondo um freio nas fontes externas de financiamento de filmes. Mas os executivos de Hollywood receiam que os efeitos da fartura criada pela produção excessiva recente ainda sejam sentidos por alguns anos. Alguns dizem que o pior do problema de excesso de produção vai ser visto daqui a um ano.

"Estamos no topo da curva, com ladeira à frente", diz Hal Sadoff, diretor da ICM, uma das maiores agências de artistas de Hollywood, para filmes independentes e internacionais. "Temos visto muitas instituições financeiras, firmas de 'private equity' e fundos de hedge saírem da indústria. Mas os filmes em que eles investiram ainda estão em produção, e o mercado vai levar de seis meses a um ano para voltar ao normal."

Amir Malin, que comprou, divulgou e distribuiu o sucesso independente "Bruxa de Blair" e hoje administra a empresa de investimento em mídia Qualia Capital, diz que o mercado para filmes desse tipo vai ficar mais difícil antes de melhorar. "O pior ainda está por vir", afirma.

A confusão no mercado ficou evidente em abril, quando o calendário de lançamentos ficou superlotado com uma série de produções com grandes estrelas, todas tentando evitar a concorrência dos blockbusters de verão. "O Amor Não Tem Regras", uma comédia de US\$ 60 milhões estrelada por George Clooney e co-financiada pelos estúdios Universal Pictures e Relativity Media, arrecadou apenas US\$ 31 milhões nos EUA e US\$ 9 milhões no exterior. "88 Minutos", um thriller de US\$ 26 milhões com Al Pacino que foi financiado pela Millennium Pictures e distribuído pela Sony Pictures, arrecadou apenas US\$ 17 milhões nos EUA.

Houve também "Smart People", com Sarah Jessica Parker, Dennis Quaid e Ellen Page. A comédia, sobre uma família complicada, parecia promissora, especialmente em relação ao custo modesto, de US\$ 8 milhões. Os investidores, aí incluído Bill Block, que dirige a empresa financeira QED International, esperavam que o filme faturasse US\$ 20 milhões. "O elenco era maravilhoso e todo mundo gostou do roteiro, daí pensarmos: 'Por que não?'" diz Block. Só que o filme arrecadou apenas US\$ 9,5 milhões nos cinemas americanos. "Acho que está difícil agora, especialmente para filmes mais sofisticados para adultos", acrescenta Block.

A concorrência é especialmente brutal no mercado de filmes de baixo orçamento. Os filmes independentes produzidos fora dos grandes estúdios e aspirantes ao Oscar eram vistos como o segmento mais atraente da indústria cinematográfica. Isso porque era possível ter lucro considerável com filmes que exigiam investimento relativamente baixo. Esse cálculo levou a maioria dos estúdios de Hollywood a criar divisões para explorar esse mercado.

Mas a onda de independentes elevou os custos de marketing, já que cada filme gasta para competir. No ano passado, elencos com nomes famosos não impediram que filmes como "No Vale das Sombras" e "Coisas que Perdemos pelo Caminho" fossem fracassos na bilheteria.

Para evitar colisões, os estúdios estão rapidamente reduzindo o número de filmes que lançam, particularmente os de orçamento mais baixo. Alguns deles concluíram que filmes mais caros sucessos como "Homem de Ferro" e "Batman O Cavaleiro das Trevas", que custaram mais de US\$ 150 milhões cada podem ser menos arriscados.



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 4 set. 2008, Empresas, p. B9.